

*A discussão ética está cada vez mais presente no dia-a-dia da escola, do ensino básico à universidade, deixando de ser preocupação exclusiva dos professores de filosofia para se tornar objeto de reflexão de todo educador.*

*Conviver com a diferença tem sido, sim, um dos mais difíceis problemas a serem contornados em nossa época atual.*

**Marsyl Bulkool Mettrau**

# Ética ou caos e a questão da avaliação

## Ethics or chaos and the question of the evaluation

Marsyl Bulkool Mettrau\*

### Resumo

Aprender a aprender é exatamente o que o ensino deveria perseguir e atingir porque avaliar é sempre reformular, aperfeiçoar e aprender. Interessa-nos, basicamente, valorizar a eficiência bem como as reações dos estudantes enquanto aprendem: “esboçar mudanças quando necessárias e valorizar a eficácia das modificações introduzidas” (Beltrán Llera, 1993). Percebe-se que a avaliação recai sobre um programa de ensino e não sobre quem ensina e quem aprende. É possível, nesta perspectiva, admitir-se ainda, um outro tipo de avaliação que ocorre a todo momento pelo professor e pelo aluno. Eles erram juntos, e eles acertam juntos ou o caos se instala no processo que envolve, também, aspectos éticos.

### Palavras-chave:

Ética, Caos, Avaliação.

### Abstract

Learning to learn is exactly what education should pursue and achieve assess because it is always redesign, improve and learn. Interested us, basically, enhance the efficiency and the reactions of students as learning: “outline changes when necessary and enhance the effectiveness of the changes” (Beltrán Llera, 1993). See that the assessment falls on a programme of education and not on who teaches and who learns. It is possible therefore, admit it is also another type of screening that occurs at any time by the teacher and the student. They mistakes together and they acertam together, or if chaos installs in the process that involves, as well, ethical.

### Keywords:

Ethics, Chaos, Evaluation.

A civilização está em risco: pode desaparecer, se “não encontramos um caminho convincente para re-

\* Doutora em Educação e Psicologia da Educação, Univ. Minho. Braga, Portugal; Professora Univ. Salgado de Oliveira; Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq; Professora aposentada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; marsyl@superig.com.br

lacionar a realidade com fins ideais, humanos e o ideal da própria materialidade. Mesmo tornando-se mais óbvia a crise no mundo, as velhas metodologias do conhecimento e seus propósitos ainda são abraçados” (Demo, 2000). Este final de século se nos apresenta rico e fascinante, mas, também, difícil e preocupante. O sagrado e o profano se aproximam, se respeitam e se admiram, e um novo modelo de ciência traz, também, novas perspectivas vitais bem como a emergência da sensibilidade nas diferentes formas de criação humana. Isto já é um desafio porque é ético e porque pode levar ao caos na compreensão e na realização. Afinal o homem deve ser feliz e acessar todos os seus saberes para alcançar este objetivo. Novo paradigma se delineia, e devemos nos preparar para aceitá-lo, pois quando paradigmas entram em crise, torna-se necessário, mais do que nunca, pensamento aberto, ético e estético para evitar o caos que se delineia. Estamos vivendo uma série de paradoxos e um deles é, sem dúvida, que pessoas talentosas desconheçam o valor social de seus talentos e, mais ainda, não façam uso deles a seu favor e a favor da coletividade, da humanidade, enfim. As descobertas mais atuais, em todos os campos, geram reflexos nas esferas científicas, políticas e sociais. Assim, os novos comportamentos bem como nova hierarquia de valores nas sociedades neste último século, em especial, chamam nossa atenção através dos seguintes aspectos:

- o lugar da educação na so-

riedade de informação, apontando para a necessidade do uso da informação para criar, partilhar e *usar* o conhecimento e não só para *absorvê-lo*;

- a problemática dos valores tendo em vista a velocidade, a quantidade e a qualidade das mudanças que estão ocorrendo;
- o desafio de motivar os jovens a aprenderem por si mesmos e a *participarem* do *aprender* sempre, durante toda a vida, algo que extrapola os limites da educação formal.

A complexidade humana aponta para dimensões essenciais que a racionalidade tem desprezado, tais como: emoção, intuição, sabedoria e bom senso, indicando que o processo material precisa ser complementado pelo desenvolvimento do espírito e da ética. Não há nada de esotérico nisso. Apenas buscamos entender o ser humano em sua integralidade. O conhecimento não pode apenas *devassar*, precisa, também, e sobretudo, *cuidar* (Demo, 2000).

Estamos atentos para princípios éticos que indiquem nossa responsabilidade para com o bem comum envolvendo tanto os nossos parecidos quanto nossos diferentes. Estaremos, assim, enfrentando e resolvendo um grande desafio com vistas ao potencial humano e aos aspectos avaliativos relacionados às perspectivas da inclusão e das diferenças.

Um dos objetivos da avaliação deve ser captar, em profundidade

e em detalhes, as *experiências* dos alunos, mesmo sabendo que não é fácil e que não temos uma *medida* para a avaliação vista nesta perspectiva. Tentando descaracterizar o objeto da avaliação como somente um único produto numérico, aparece a figura da avaliação qualitativa. É, portanto, de natureza fundamentalmente descritiva, isto é, importante saber não só o *quanto* vale numericamente cada tarefa executada na experiência de aprendizagem, mas, sobretudo, o *significado* de haver conseguido a realização de uma tarefa ou o domínio de uma habilidade. Enfim, o que conseguiu saber, aprender, modificar. A avaliação qualitativa não substitui a modalidade quantitativa, mas complementa e acrescenta um novo e diferente enfoque de análise e julgamento, que poderá e deverá enriquecer e ampliar a margem de segurança de acerto quanto ao resultado final, tanto por parte do aluno quanto por parte do professor e de todos aqueles envolvidos numa prática pedagógica onde devem ocorrer sempre muitas avaliações diferenciadas para acertar mais e, sobretudo, para errar menos porque sempre se erra. A avaliação assim entendida não corresponde a dois pólos diferentes e divergentes, mas a *dois pontos* que devem se aproximar e se complementar cada vez mais até se tornarem *um só*: a avaliação sem o caos da dúvida e do erro. Na perspectiva da avaliação contínua, deve haver preocupação em observar, registrar e analisar dados, comportamentos e respostas, para dimensionar toda

e qualquer mudança necessária, respeitando os pontos básicos do método proposto e do crescimento individual e grupal dos envolvidos. A modalidade da avaliação qualitativa supõe, no avaliador, qualidade metodológica. Isto significa, de partida, que não faz nenhum sentido desprezar o lado da quantidade, desde que bem-feito. Só tem a ganhar a avaliação qualitativa que souber cercar-se, inteligentemente, de base empírica, mesmo porque qualidade não é contradição lógica da quantidade, mas a face contrária da mesma moeda. Qualidade e quantidade são, pois, pólos contrários como quer a dialética, não extremos contraditórios, que apenas se excluem (Demo, 1995). Realmente, toda vez que se tenta enquadrar as respostas humanas, sejam elas quais forem, torna-se limitada a estratégia escolhida! É como se os números fossem insuficientes para expressar a realidade do ser humano, que é sempre uma realidade múltipla, dinâmica e jamais única (Mettrau & Almeida, 1996). Diante de tamanha complexidade, recomenda-se a interdisciplinaridade, que, modestamente, busca todos os apoios de todas as áreas, na certeza de que, ao final das contas, a realidade nos escapa. Não cabe em nossos instrumentos. Consideramos necessário introduzir e utilizar a técnica do *cruzamento de dados* e de diversas fontes avaliativas, a fim de ampliar o leque de possibilidades de verificação das características, comportamentos e resultados vistos por diferentes pessoas, profissionais e momentos

de cada um. Sugerimos, portanto, minimamente, para este cruzamento de dados os seguintes aspectos evidenciados:

- levantamento e análise da vida escolar desde as séries iniciais (quando frequenta a escola), com fins de verificar a manutenção ou variação de seu funcionamento acadêmico, interesse, resultados e motivação;
- preenchimento de fichas de observação, com base em apresentação de áreas destaques em qualquer área (acadêmica ou não) pelos coordenadores, professores, direção, família e os próprios;
- sugerimos ainda a utilização de ficha de observação (em qualquer grau) a ser preenchida pelo(s) professor(es), treinadores ou outros com itens específicos e também, inventários, questionários, auto-avaliação e autobiografia. Estas diferentes formas de avaliação enriquecem não só nas fases iniciais da aprendizagem, mas em toda a vida produtiva de cada um de nós em qualquer época e idade.

Um outro aspecto essencial a ser considerado na avaliação (Sternberg, 1992) diz respeito aos mecanismos executivos e de controle, usualmente chamados metacognição. Estes mecanismos capacitam o aluno a estudar e acompanhar todos os passos dados no sentido de qualquer aprendizagem, a fim de que ele possa ter domínio dos mesmos e os utilize *toda vez* que necessitar de novas aprendizagens. O desenvolvimento e o uso da metacognição é de extrema utilidade

para o professor no encaminhamento dos passos de qualquer modalidade de aprendizagem, na verificação das falhas desta aprendizagem e na reorganização de novos passos para uma próxima avaliação (Mettrau; Almeida, 1996).

Refere-se, exatamente, à consciência que o sujeito toma a respeito de *como*, com *quais* passos e estratégias, ele conseguiu aprender, a fim de que possa repetir estes mesmos passos para novas aprendizagens e usá-los com segurança. Avaliar com o sentido de aprender a aprender é, verdadeiramente, o processo mais importante de aprendizagem, considerando-se que a avaliação e a aprendizagem correspondem a uma grande via de mão dupla onde transitam todos que passam pelo processo ensino-aprendizagem, isto é, professores, alunos, famílias e instituições, sendo que a cada um desses grupos, correspondem determinadas competências e verificações em diferentes momentos de nossas vidas.

“A geração mais nova constrói seu próprio modo de compreender o mundo, que apenas parcialmente acompanha o mundo de seus pais ou da geração anterior, divergindo da compreensão destes de maneira significativa e inovadora”. (Vasconcellos; Valsiner, 1995). Este é um dos aspectos muito preocupantes da avaliação, pois, usualmente, quem avalia pertence à geração anterior ou são os mais velhos, os já mais preparados, formados, os chefes, etc.

A discussão ética está cada vez

mais presente no dia-a-dia da escola, do ensino básico à universidade, deixando de ser preocupação exclusiva dos professores de filosofia para se tornar objeto de reflexão de todo educador. Seja porque é preciso lidar com alunos ditos especiais (portadores de algum tipo de deficiência física ou mental e também os superdotados), seja porque situações insólitas (assédios sexuais, prática de agressões etc.) se tornam mais e mais comuns no ambiente escolar e acadêmico em geral, os professores acabam sendo chamados a pensar sobre questões éticas (Oliveira, 2001). Como ficam, a partir dessa visão, as fronteiras entre o ético e o não ético?

Na chamada década do cérebro, onde se demonstra a passagem do estudo dos neurônios para as funções superiores do cérebro (Gleiser, 1999), uma nova série de situações problemas extremamente complexas surgem e devem nos fazer repensar todos os temas complexos com o qual lidamos, e a ética na avaliação é, com certeza, um deles. Podemos inferir que uma nova ciência está sendo desenvolvida para um novo milênio, quando o reducionismo e o “holismo” se complementarão em nossa descrição do mundo (Gleiser, 1999). Não se trata somente da avaliação escolar/acadêmica. É avaliação na vida e da vida de cada um e de todos. Afinal, julgamos sempre e tentamos fazê-lo da melhor forma: isto é avaliação. Conviver com a diferença tem sido, sim, um dos mais difíceis problemas a serem contornados em nossa época atual. A humanidade

é nossa família e devemos deixar bem nítido nosso compromisso com a não violência, o respeito, a justiça e a paz através de uma ordem social e econômica justas para que todos possamos atingir o potencial máximo de cada pessoa.

*No dia em que a avaliação for ensinada e compreendida como fonte de aprendizagem, e não só, de resultados de aprendizagem, grande parte dos problemas de repetência, fracasso, abandono ou desânimos estarão resolvidos. O sujeito estaria envolvido no seu processo de avaliação, dando pistas aos professores e outros profissionais porque não aprenderam ou porque aprenderam. O processo crescerá e se realizará como deve ser: na grande avenida da Escola, em rua de mão dupla, onde toda atenção é necessária mas oferece plenas condições de tráfego e trânsito para todos, especialmente para os principais protagonistas deste artigo: professores e alunos (METTRAU; ALMEIDA, 1996, p. 52).*

## Referências

BELTRÁN LLERA J. A. **Processos, estratégias y técnicas de aprendizaje**. Madrid: Síntesis, 1993.

DELORS, J. et al. Educação um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. **Coleção Perspectivas Actuais**. Porto – Portugal: Edições ASA. UNESCO, 1996.

DEMO, Pedro. **Conhecer e aprender**. Sabedoria dos limites e desafios. Artes Médicas Sul: Porto Alegre, 2000.

\_\_\_\_\_. **Educação e qualidade.** Campinas: Papirus, 1995.

\_\_\_\_\_. **Avaliação qualitativa.** 5 ed. Campinas: Autores Associados, 1995.

GLEISER, M. **Retalhos cósmicos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

METTRAU, M. B. Representação social dos portadores de altas habilidades: inclusão e exclusão. **Prismas da Educação.** Instituto Superior de Educação La Salle, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 14-21, jan./jun., 2003.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Inteligência: Patrimônio Social.** Rio de Janeiro: Dunya, 2000.

\_\_\_\_\_; ALMEIDA, L. S. Relação pedagógica: A dialética entre aprender e avaliar. **Revista Ensaio, Fundação Cesgranrio,** Rio de Janeiro, v. 4, n. 10, p. 51-64, 1996.

\_\_\_\_\_. **Concepção e representação da inteligência nos professores: impacto na prática pedagógica.** 362p. 1995a. Tese (Doutorado em Educação). Universidade do Minho (Portugal). Braga (Portugal).

OLIVEIRA, R. J. de. Ética e formação de professores: algumas pistas para a reflexão. In: **Ensinar a aprender: sujeitos, saberes e pesquisa.** Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE). 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 163-174

STERNBERG, R. J. **As capacidades intelectuais humanas.** Uma abordagem em processamento de informações. Tradução por Dayse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

VASCONCELLOS, V. M. R.; VALSINER, J. **Perspectiva co-construtivista na psicologia e na educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.